

# Os estudantes africanos na URSS

M. Confid.  
17/12/88

• A direcção angolana decidiu «congelar» as suas iniciativas com vista a tentar afastar Jonas Savimbi da liderança da UNITA. Tal propósito não encontrou nenhuma receptividade internacional significativa e custou-lhe mesmo alguns reveses. Sabe-se, por outro lado, que a Elf Aquitaine esteve activamente envolvida em tais planos, chegando mesmo a prometer disponibilizar os fundos que se destinariam a recompensar Savimbi pelo seu afastamento.

O discreto mas real envolvimento da Elf no plano foi protagonizado pela segunda figura da hierarquia daquela multinacional, A. Tarallo. Tirando partido das suas enormes influências no Gabão e no Congo, geradas por interesses no campo da exploração petrolífera, a Elf conseguiu convencer os Presidentes de ambos os países a tentarem levar o Rei Hassan, de Marrocos (AC n.º 30, pág. 1) a oferecer exílio a Savimbi.

Como argumento considerado decisivo tendo em vista envolver o Monarca no referido plano, Omar Bongo, do Gabão, deu-lhe mesmo garantias escritas de que após o afastamento de Savimbi, o MPLA estaria disposto a encetar negociações

com a UNITA. Mas sabe-se que se tratava apenas de um embuste: a projecção do MPLA é a de que a UNITA, despojada da liderança de Savimbi, entraria num processo de enfraquecimento que tornaria dispensáveis as negociações.

O plano do exílio de Savimbi comprometeu-se porque o Rei de Marrocos manifestou em relação a ele um frontal desacordo (AC n.º 31, pág. 1), dado a conhecer, de viva voz, ao próprio presidente angolano. E como gesto interpretado como sinal da sua lealdade em relação a Savimbi, o Rei mandou-lhe mesmo uma cópia da carta que Omar Bongo lhe escrevera tentando convencê-lo a entrar no plano.

Juntamente com o Zaire e a Costa do Marfim, Marrocos é um dos mais firmes apoiantes da UNITA em África. Na Academia Militar de Benguerir, próximo de Marrakech, já foram até agora formados mais de 1000 quadros militares da UNITA. O Rei teve ainda um papel decisivo com vista a levar a Arábia Saudita e o Koweit a garantirem ajuda financeira à UNITA. Em fins de Outubro, o Rei disse claramente ao Presidente angolano que ele se deveria reconciliar com Jonas Savimbi.

A reacção fortemente negativa de Marrocos ao plano teve um efeito imediato: tanto o Gabão como o Congo recuaram, deixando cair o assunto. O Congo esteve sempre muito mais cautelosamente envolvido, por duvidar da viabilidade do plano. Recentemente, numa conversa privada com uma personalidade internacional, o Presidente Sassou Nguesso descreveu o plano para afastar Savimbi como «maximalista».

A atitude de Luanda de abandonar a ideia de tentar a todo o custo afastar Savimbi foi também fortemente influenciada por discretas mensagens dos Estados Unidos, veiculadas por Chester Crocker. Washington tem feito saber a Luanda e a Moscovo que não admite nenhum processo de reconciliação no qual Jonas Savimbi não apareça como interlocutor do MPLA.

A própria Elf também se desinteressou aparentemente do plano, face às reacções internacionais desfavoráveis que ele suscitou. A. Tarallo esteve em Novembro em Luanda (AC n.º 32, pág. 3) e a questão do afastamento de Savimbi já não foi matéria das suas discussões com as autoridades angolanas.